

Identidade e território

Pastana Yudja Juruna

São Félix do Xingu PA
Santa Cruz do Xingu MT

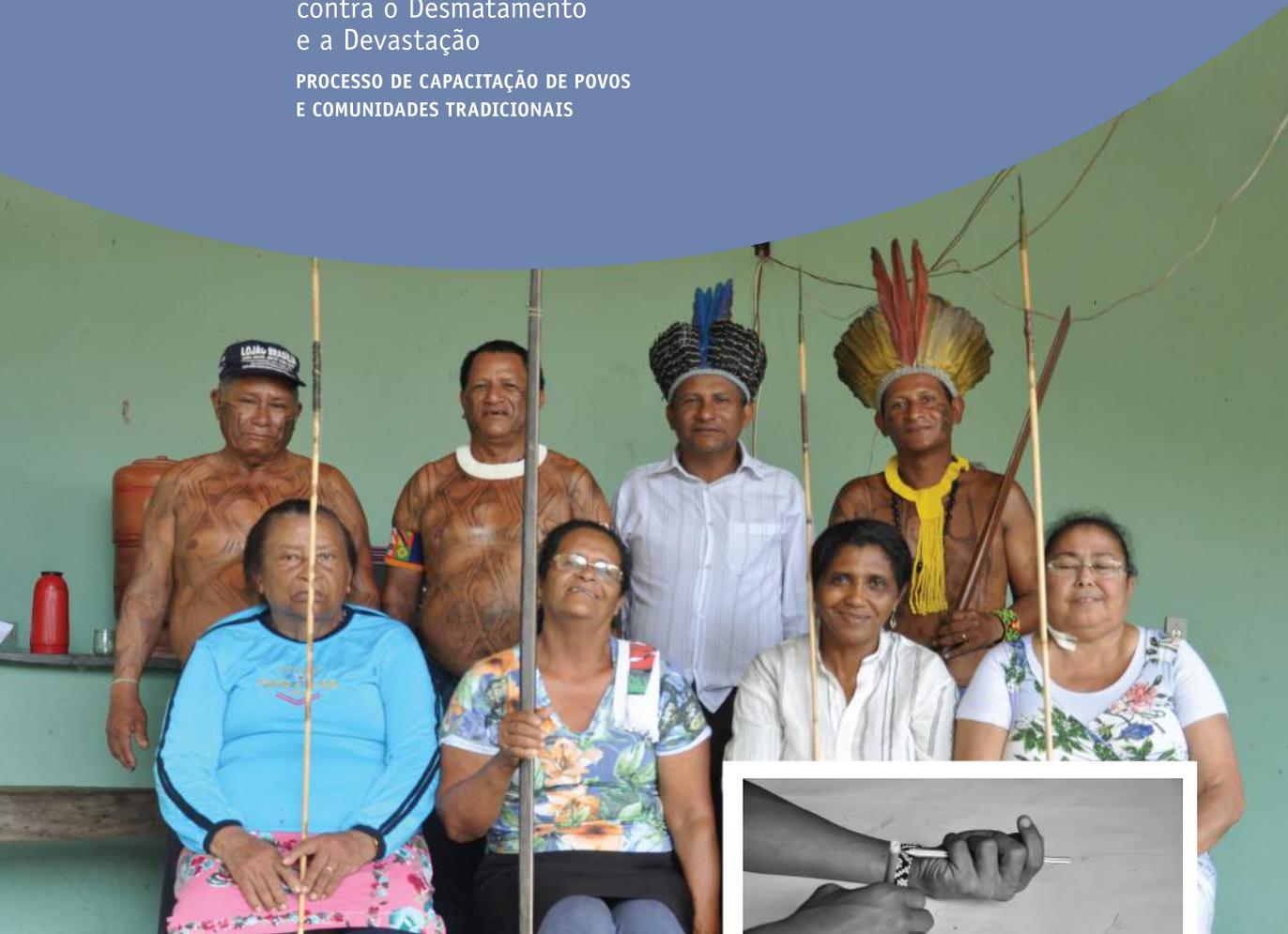
20

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**



© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa E. Acevedo Marin

PESQUISADORES

Antonio João Castrillon Fernández
Antonio Kanela
Claudia de Pinho
João Ivo Puhl
José Ricardo Castrillon Fernández
Solange Ikeda

FOTOGRAFIAS

Antonio João Castrillon Fernández
Antonio Kanela

CARTOGRAFIA

Antonio João Castrillon Fernández

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Casa 8

Relação dos participantes da Oficina de Mapa

Lucimar Pereira de Sousa Juruna; Maria das Graças Pereira de Sousa Yudja Juruna; Aluizio Pastana Yudja Juruna; Paulo Pastana Yudja Juruna; Manoel Pastana Yudja Juruna; Emílio Pastana Yudja Juruna; Daniel Pereira de Sousa Pastana Yudjá Juruna; Elias Apidekar Pastana Yudja Juruna; Terezinha Vicente de Souza Juruna; Cleonice Oliveira Juruna; Kuyawa Yudja; Guibson Oliveira Juruna; Tiago Souza da Silva Juruna; Gysllyne Souza da Costa Juruna; Adelson Marinho Juruna; Maria Gercilene Pastana Yudja Juruna; Kellyandra de Sousa Costa Juruna; Nubio Nogueira Juruna; Maria Eduarda Juruna; Marcos Wahuta Pastana Yudja Juruna; Lucilene de Oliveira Juruna; Sadjá Sabino Orfileno da Silva; Delmira dos Santos Juruna; Ezequias Pereira Souza Juruna; Joilan Guido Juruna; Welame dos Santos Juruna; Maria Eduarda Ribeiros Juruna, Uelismar Souza da Silva Juruna; Maikon Maikan Juruna

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais : identidade e território Pastana Yudja Juruna, São Félix do Xingu, PA/ Santa Cruz do Xingu, MT, 20 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin; equipe de pesquisa, Antonio João Castrillon Fernández... [et al.]. – Manaus: UEA Edições, 2014.

12 p.: il. color.; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-302-2

1. Conflitos sociais. 2. Terras indígenas – Pará – Mato Grosso. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Fernández, Antonio João Castrillon.

CDU 528.9:316.48(811.5)

Apresentação

“Yudja tem um significado para nós, como se nós falássemos, nós somos donos do rio, esse rio que nós chamamos de dono é o rio Xingu.” PURÁ JURUNA

“Nós vamos falar um pouquinho da etnia, nós vamos contar a nossa história, porque nos dados da Funai, no último censo que tem, os índios Yudja não estão na lista, eles não sabem que existem nós, a Funai não está sabendo. Então, para vocês verem, quando nós mesmos fazemos Censo, o nosso pessoal está aí entre 210 a 214 pessoas, e quando o Censo da Funai, a maior aldeia do Yudja é Tubatuba, total de índio Juruna 132.

A nossa história (a história do nosso pai) termina sobre aldeia pelo fato de que, quando em 1982 que começa a madeira, que começa garimpo na região, por ele não concordar em tirar madeira e de tirar ouro, chega ponto que, para não brigar, a gente vai para a cidade” APĪMAMA JURUNA

Nossa origem

“Onde era a aldeia do Juruna, a aldeia verdadeira mesmo, nessa ilha onde hoje é a cidade de Óbidos, ali que o meu pai nasceu, foi no tempo que o branco vivia entrando no rio, mataram o pai e a mãe do meu pai, de uma vez só, o branco que matou. Mataram eles quando estavam pescando no rio. Naquele tempo quando o branco via índio bravo queria era matar. Na matança do meu avô com a minha avó, uma mulher branca pegou o meu pai, essa mulher que foi quem criou o meu pai. O meu pai tinha uma irmã, uma velha, chamada Karirá, tinha o Tubias, Taripú, Arikafú, Bibina e o Daar, este já era primo deles. Karadindim também era sobrinho do meu pai. Bissaka. É a família Juruna. Nessa época teve um conflito com os Juruna, aí eles vieram e ficaram na cachoeira do Belo Monte, que hoje chama cachoeira do Belo Monte. Ali eles ficaram três meses para fazer a canoa, para cima da cachoeira, para poder passar por cima, porque lá não subia nem descia. Daí vem essa etnia de Juruna todinho, nessa época estava todo mundo junto, ficava todo mundo junto, ninguém era separado.

“Quando foi um dia o meu pai fugiu e veio bater onde estavam os parentes em Altamira, a minha tia sempre contava, ele tinha por base de 10 anos quando fugiu desse pessoal para onde estava os parentes dele. Dali o meu pai começou a ficar no meio dos brancos e se alistou no soldado da borracha e foi dessa vez que casou com a minha mãe. Acima de Altamira tem uma pedra, que chama Pedra do Navio, ali era aldeia nossa, do pessoal nosso, está todo mundo ali naquela





aldeia. Como foi imprensado pelo branco subiu um pouco para o rio Iriri. Ai ficou alguns abaixo de Altamira e foi-se dividindo. E o meu tio Bibina e Daar não queriam ter contato nenhum com os brancos e fugiram, que é essa etnia que está aqui no Tubatuba. A história do nosso povo vem daí, do nosso pai.” PURÁ JURUNA

“Nessa época os índios eram muito perseguidos pelos brancos. Você via, por exemplo, aqui é um seringal, você está ali com outras pessoas, viu o rastro de um índio, “o índio passou aqui, vamos atrás dele para matar”, ai matava mesmo. Então era assim, os índios viviam corridos, não tinha paz... Era assim a vida! A nossa história é essa, é uma história difícil, uma história sofrida, nós sofremos demais para viver essa vida aí.” GRAÇA JURUNA

A trajetória Juruna - nossa história está contada no rio Xingu

“Pastana nosso pai nasceu ano de 1923, aqui perto de Óbidos. Aqui é Altamira. Aqui é rio Iriri. Esse aqui é São Félix do Xingu, onde tem muito pessoal nosso, então esse rio Fresco. Assim que vai sair história, mapa. Ele está vindo, sempre de canoa, vai subindo rio até Porto Seguro. Aqui em Porto Seguro tem história forte. Essa cruzinha está representado quem? – Morte de um irmão – ele está morrendo 1955, nome dele Guilherme. Aqui está representando o nascimento do nosso irmão Purá Juruna, ano 1951. Também aqui está nascendo Graça Juruna, 1947. Esse lugar também é muito forte, está representando o nascimento da nossa mãe. Quando ela nasce aqui, pessoal desce um pouquinho, essa casinha nossa casinha, está representado estrela nascimento de Mazé, ano de 1955, e pessoal está morando até lá 1957. Rwi? Aqui o nome dele, 1949. Então vamos pensar um pouquinho. Começa aqui, cidade de Óbidos. Depois vem subindo o rio. Hoje tem muito pessoal nosso em? - São Félix do Xingu; Nascimento de nossa mãe? - Porto Seguro; Nossos primeiros irmãos? – Porto Seguro; Depois outros – João Lima; Morte de irmão, onde está nosso

irmão enterrado? – Porto Seguro; Depois pessoal, vão, vão, vão... Alguém consegue lembrar alguma coisa? – Ilha do coração; E nome antigo, qual é? – Ilha da Ubá.” APĪMAMA JURUNA

“Ubá significa na nossa língua duas coisas, barquinho e aldeia. Vale lembrar que Ubá está representando encontro, muito tempo atrás, 1957, onde o nosso pessoal encontrou com outro que está em cima, pode ter sido “Bibina”, pode ter sido “Bissaka”, “Daar”, ali que ele está falando, “não sobe mais, ali tem cachoeira, caiapó, se você passa, ele não deixa, vai matar você”. Por isso que esse nome Kuahala-djaka-djaka, é porque aqui, um pouquinho em cima tem uma pedra, pedra rachada. Todo pessoal sabe, antes da nossa divisa tem Pedra Rachada. Então aqui pessoal vem voltando, ele está passando aqui, onde hoje em nome do kaiapó é Kapotnhinore, aqui tem casa, ele está com roça também... Pessoal está voltando, 1958, nome muito forte, serra Bitahamã, aqui tem lugar também. Aqui vai voltando outra morada também, o rio Trairão, 1958. Ai vai voltando de novo, aqui tem outra morada, Kurupati. Depois do Kurupati chegamos no Sambaii . Depois vai de novo onde tem casa, Txameriambĩ, esse nome pode ser igual de igarapé Fortaleza, uma fortaleza nossa. Ai vai voltando, Serra Encontrada, outra aldeia aqui, 1959. Lá nasceu nosso irmão Emídio Juruna, 1957. Ai vai voltando. Ai chegou ponto forte, São João. São João pode ser considerado como Paitana,(Pastana) pai da nação. Aqui nasce muito pessoal. Primeiro João, (Makudahê),Manoel (Manduka), Elias (Apidekar),Marcos(Uahuta), Daniel(Apimama), Kátia Juruna, Jecilene(Malua), Guilherme Juruna e Jerê Juruna. Então história muito grande. Então esse é trajetória, nossa trajetória.” APĪMAMA JURUNA

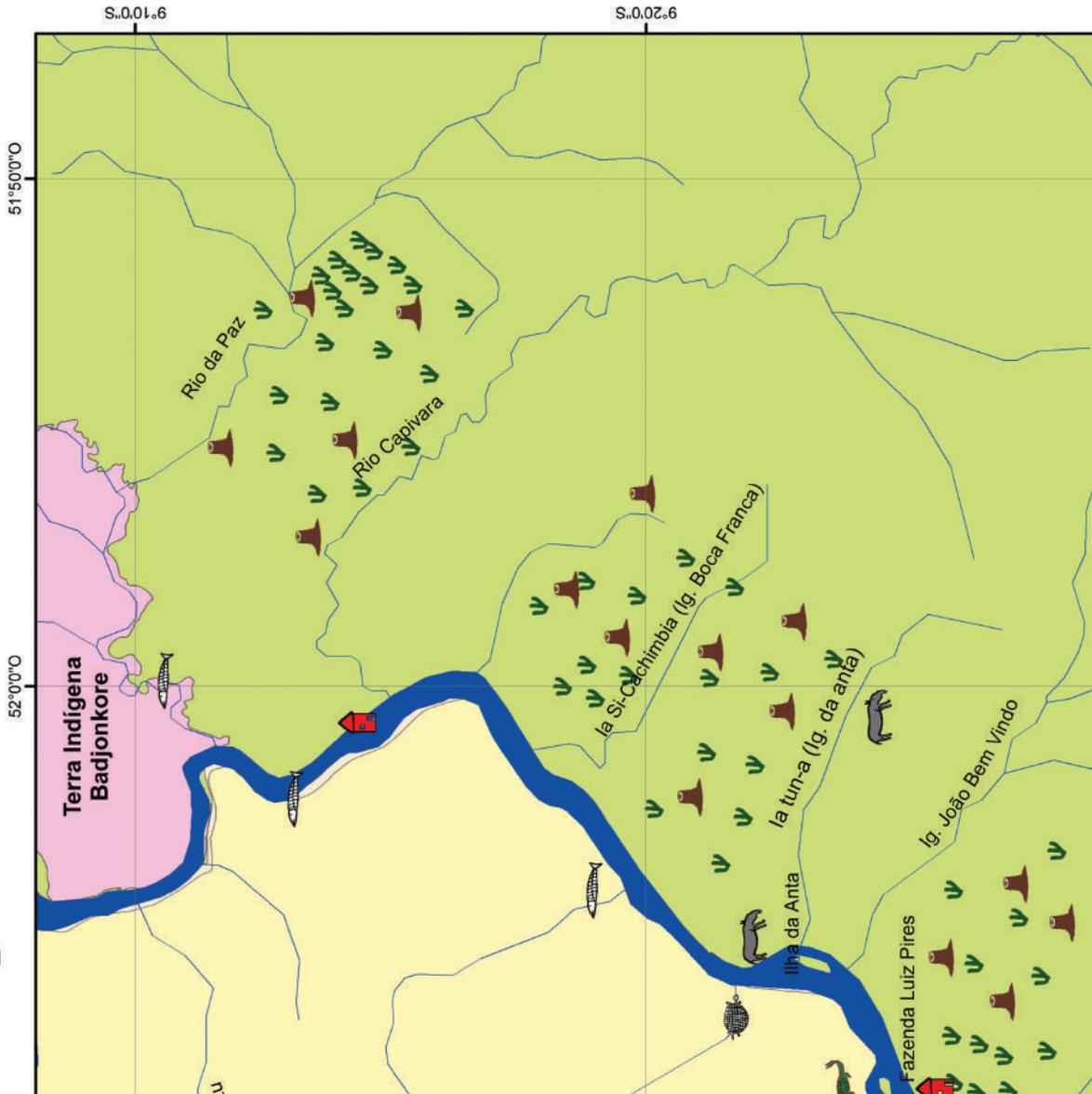
“Morávamos na ilha da Pitxá, ai viemos e moramos no Kurupati. Do Kurupati nós viemos morar no Sambaii. Do Sambaii para Txameriambĩ. Txameriambĩ viemos aqui para perto da Flor do Ouro, que eles chamavam, Ilha da Flor do Ouro. Ah, tem a boca do Zé Bispo, tem tudo lá plantado. Ai de lá que nós viemos aqui de frente do rio Pitxá. Ai vem subindo, vem subindo, tem morada mais lá para baixo que não tem nome.” PURÁ JURUNA

Nossas aldeias no Xingu

“Esse que é o grande problema do meu pai, ele está pensando que um dia a Funai vai ver isso, um dia a Funai vai devolver tudo nosso, toda a nossa terra. Assim que ele está pensando. Ele está pensando que aquele esteio já era demarcação, você chega lá, não tem palha, mas tem esteio, ele está pensando que isso ia resolver, mas nunca resolveu. Quando nós saímos do São João, Kokraimoro, que nós andamos 40 dias ou 60 dias, ele pensa assim, cabeça dele está pensando, esse rio é todo nosso. Se alguém conhece um pouco da nossa história, alguém vai ver isso, vai devolver o nosso rio, vai devolver a nossa terra. Dúvida não tem, porque, se alguém quer prova, vamos lá, vamos no Kuahala-djaka-djaka, vamos no Txameriambĩ, vamos no Sambaii, está tudo lá. Assim que ele está pensando. E fato que não acontece, por que? Ninguém nunca viu isso, pessoal de Funai nunca viu isso, nunca resolve. Nunca aconteceu o que ele pensa que vai acontecer. Então assim, naquele tempo meu pai pensa assim, “como eu tenho prova de tudo, eu vou ganhar tudo”. Assim que nós pensamos também. Quando nós falamos que nós somos dono de rio, essa convicção nós temos mesmo, nós somos dono... É verdade mesmo.” APĪMAMA

“Você chega aqui, você tira foto de um pé de manga, pé de laranja, pé de banana, porque tudo tem. Você vai fazer um estudo para ver quantos anos aquele pé está ali. Tem pé de banana que nenhum de nós era nascido, ninguém sabe, porque nenhum de nós era nascido ainda, mas foi o nosso pessoal que plantou. Daqui para lá nós podemos mostrar, até chegar ao São João mais de vinte moradias que nós fizemos. E o que nós não ajudamos a fazer, porque nós éramos meninos, mas o meu pai fez. Se descer para o rumo da Altamira, nós passarmos por baixo da barragem, e for fazer a volta grande do Xingu, aí é que tem coisa mesmo do nosso pessoal. É uma coisa que a gente mostra, não são coisas que a gente fala. Consta na nossa história que a cachoeira grande foi um pajé nosso que encantou lá e virou aquela monstra cachoeira... A Pedra do Navio, onde

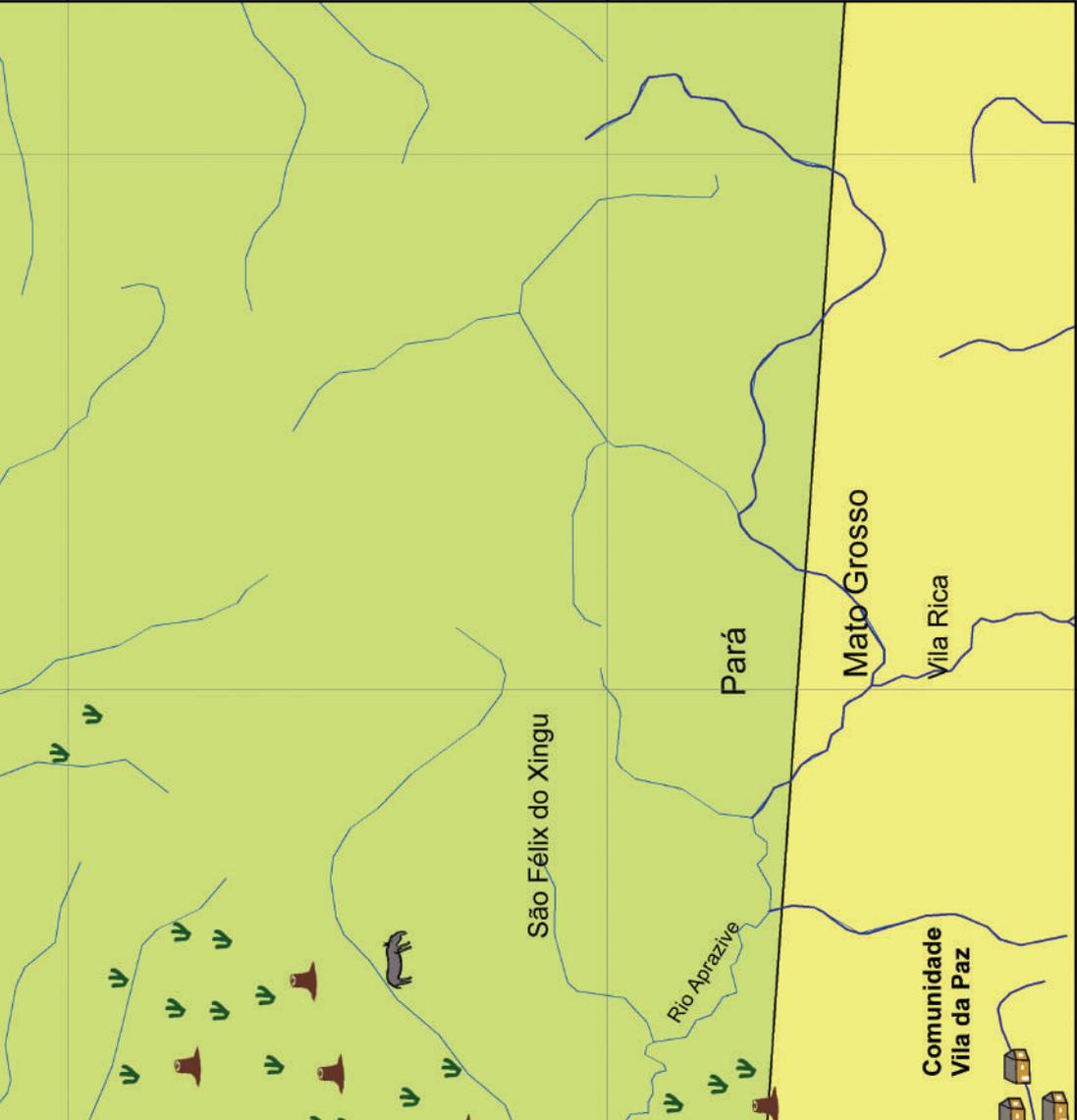
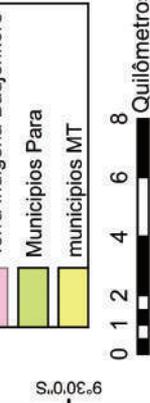
Mapa - kapôtnhinôri



Legenda

- Encontro 1953
- Jenipapo
- Roça
- Coleta de Mel
- Plantas Medicinais
- Caça
- Tracajá
- Pesca
- Jacaré Grande
- Xipita
- Roça antiga
- Aldeias antigas
- Escola
- Campo futebol
- Pista de pouso
- Aldeia
- Vila da Paz
- Desmatamento fazenda
- Draga
- Invasão de pescadores
- Pastagem
- Terra Indígena Menkragnoti
- Terra Indígena Radjonkore





Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Antonio João Castrillon Fernández
UNEMAT - PNCESA

Antonio Kanela
Cacique Kanela Araguaia

Equipe de Levantamento de Dados

- Lucimar Juruna
- Maria das Graças Juruna
- Daniel Apimama Yudja
- Elias Apidekar Juruna
- Paulo Juruna
- Aluizio Juruna
- Manoel Juruna
- Emílio Juruna
- Warutá Juruna

Cartografia

Daniel Apimama Yudja
Antonio João Castrillon Fernández

Fontes

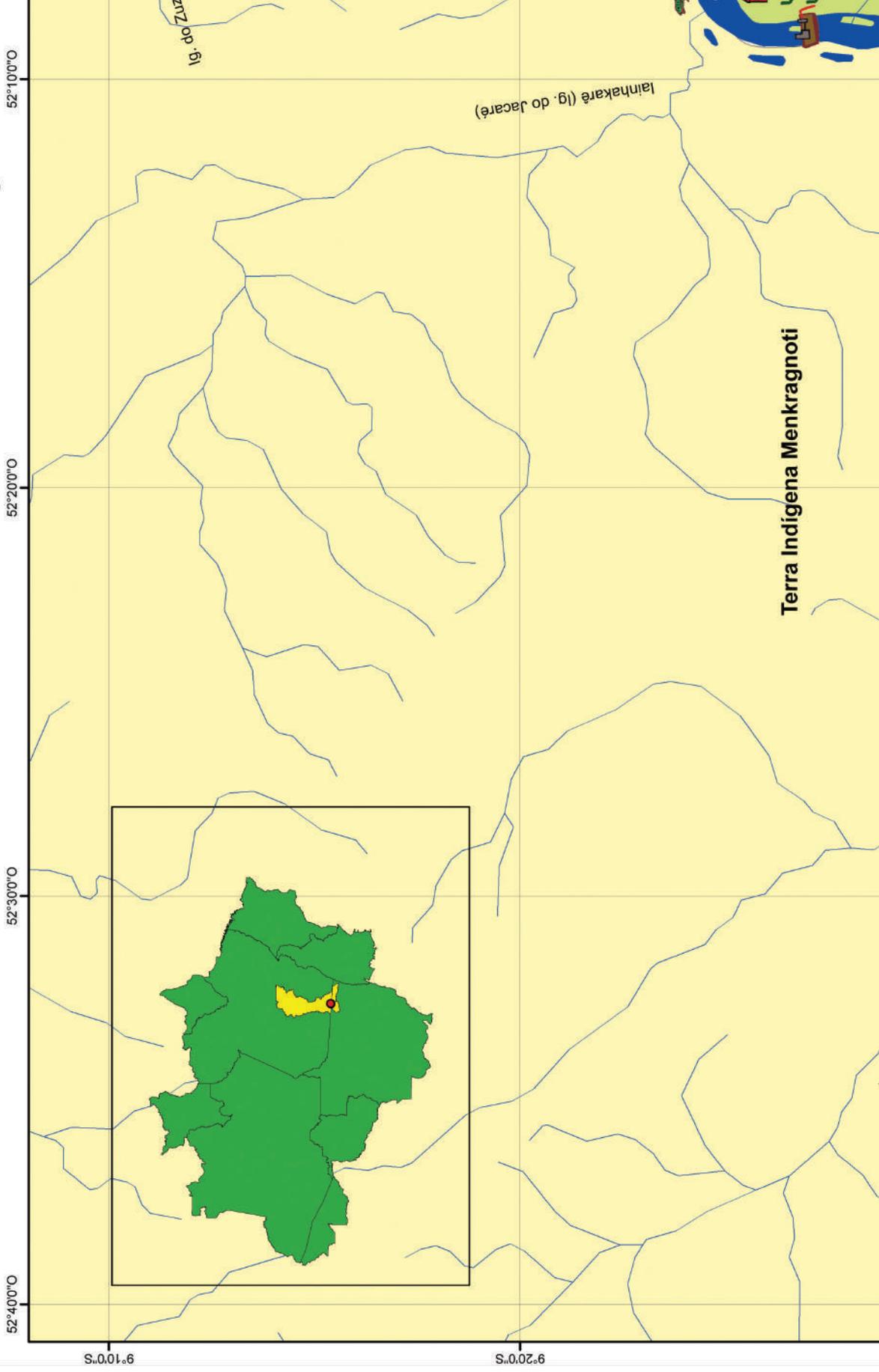
Croquis dos participantes da Oficina de Mapa pontos de GPS coletados pela equipe de levantamento, IBGE 2010

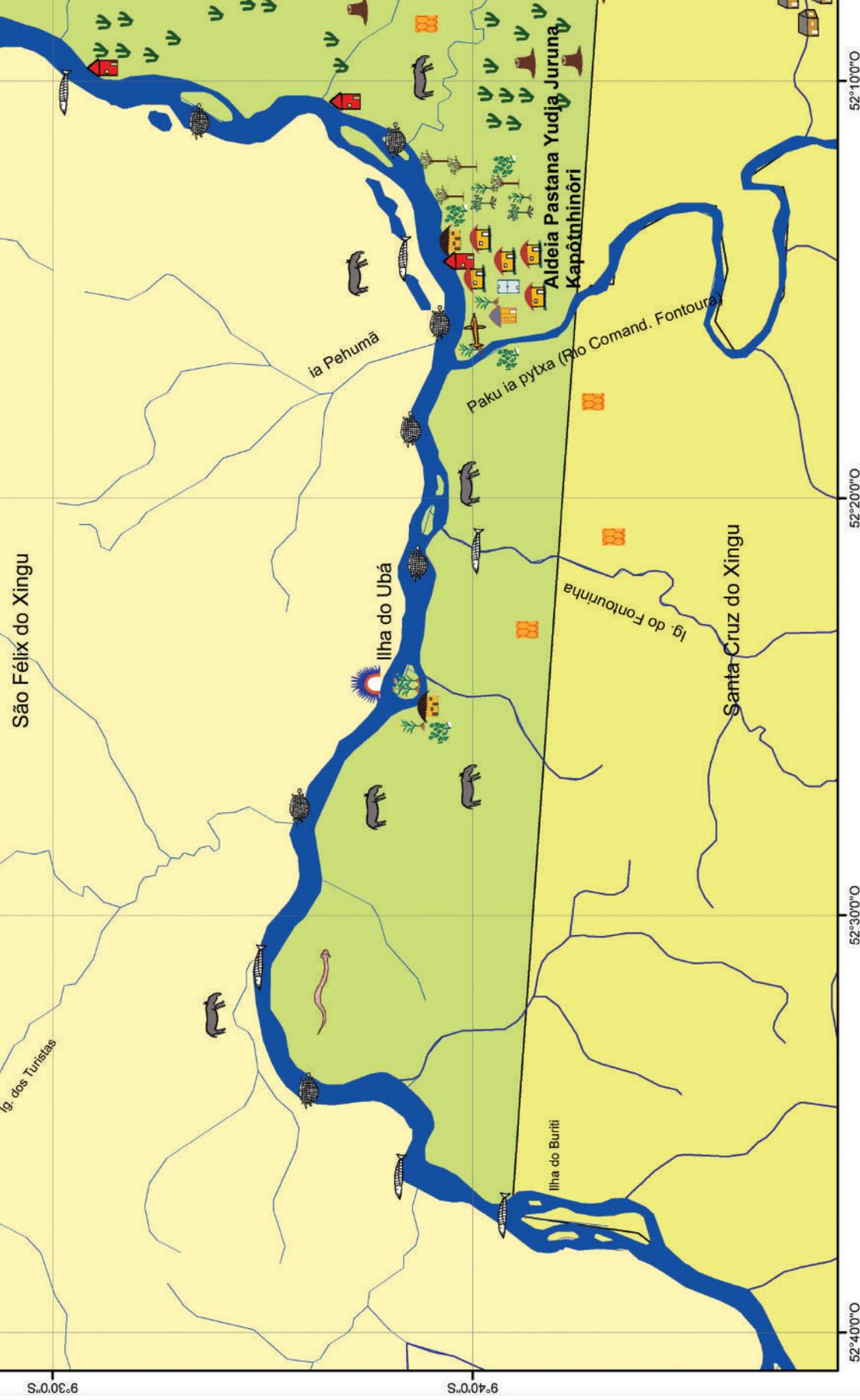
Sistema de Coordenadas Geográficas
SIRGAS 2000
1 : 200.000

ocial da Amazônia

to e a devastação - Processo de Capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais

Aldeia Pastana Yudja Juruna





Projeto Nova Cartografia Social
Mapeamento Social Como Instrumento de Gestão Territorial contra o desmatamento



era a Aldeia Grande, ali que separou esse pessoal que está aqui no Mato Grosso. Essa é a Pedra do Navio. Todas essas ilhas, de São Félix a Altamira, vai ter muito mais de cem mil moradas de Jurunas em ilhas, muito mais disso ai. Todas aquelas ilhas está tudo lá. Até pé de castanha tem, porque castanha não dá na ilha, o que tem foi plantado por nós, pelo nosso pessoal. Nós vínhamos para cá remando, não tinha branco nenhum aqui nessa beirada, era só mato, não tinha ninguém. Ali embaixo tem uma serra que chama Bitahamã, é terra tradicional dos Jurunas, ali tem pessoal nosso enterrado. Por que nós precisamos da terra? A nossa vida é terra. Nunca tivemos oportunidade de estudar.” PURÁ JURUNA

“Várias aldeinhas foram abertas na beira desse rio por ele, inclusive ali no Kuahala-djaka-djaka, que fala ilha da Pedra Rachada. Outras aqui para baixo, denominado de Txameriambĩ, Ananais, todas aldeias antigas, e Bitahamã, que é conhecida como serra pelada. Nós fazíamos esse movimento pelo rio, vinha até aqui encontrar com os outros índios, descia de novo, tornava subir. Ficava de quatro a seis meses nessas viagens, era muito difícil, mas era animado, andava com alegria, não tinha branco na época, era só indígena, você não via um branco por aqui, só índio. Era uma época que tinha muita fartura de tudo, do ecossistema, tanto da parte do rio como da caça... Essa que era a vida da gente naquele tempo... Na nossa história, nós e que somos verdadeiros donos desse rio, nós é quem somos verdadeiros donos dessas matas na beira desse rio. Do tempo da história do meu avô, do pai do meu pai e outros, toda vida é o Xingu, nosso história é esse rio Xingu. Esse rio Xingu para nós é tudo, é nossa vida.” APİDEKAR

Nosso tempo no São João

“Eu conheci o Pastana em 1943, quando ele chegou lá nesse lugar chamado Porto Seguro, do seu Antonio Coelho da Silva. Ele veio para trabalhar no serviço de borracha, na seringa. Ai nós começamos a se gostar e casamos em 1947, lá mesmo em Porto Seguro. A nossa vida era boa, a gente não passava necessidade, de tudo a gente tinha lá. Moramos dois anos na Serra Encontrada.

O patrão era Antonio dos Santos. Lá eu já tinha a Graça Juruna, o Rwi, Purá, a Mazé e este Emídio. Da Serra Encontrada nós fomos para o João Lima e depois viemos morar no São João. No São João morei mais de 20 anos.” LUCIMAR

“Na época que a minha mãe casou os caiapó estavam chegando.” EMÍDIO

“Convivemos com os Kaiapó, aprendemos a falar a língua, nós sabemos dançar as danças do Kaiapó, todas elas. Se nós formos dançar aí estremece aí. O Kaiapó tem força no peito mais do que nós para cantar... Onde nós morávamos íamos mais para os Kaiapó, porque era só a família e nós íamos dançar com os Kaiapó. Por que aprendemos mais Kaiapó? Porque nós convivemos mais com eles. Todo mundo aqui sabe falar Kaiapó. Não tem um que não saiba falar Kaiapó.” PURÁ JURUNA

“Nasci no São João, encostado no Kokraimoro... Muito sofrido a minha história. Nasci lá, nunca tive aula, sempre no mato, nunca estudei, trabalhava cortando castanha, descalço, com paneiro nas costas, para sobreviver, muito difícil. A nossa vida todo tempo foi dentro do mato. Quando saímos do São João eu estava com uns dezoito anos. No São João o nosso trabalho era mais com castanha, seringa e marisco de gato, a gente mariscou também, onça e gato. Não era que gostava, era uma obrigação, tinha que fazer para sobreviver, não tinha outra coisa, ou você fazia ou você passava fome e algumas necessidades de comprar um açúcar, alguma coisa, então era obrigado a gente a fazer isso. Naquela época era as coisas que dava dinheiro, era o couro da onça, o couro do gato, dava mais que a castanha, porque a facilidade era maior para a gente trabalhar, a castanha era mais complicado. Castanha tem que fazer pé de bode para pegar o ouriço lá no chão e jogando aqui no cesto, aí você se mela o corpo todo. Você não pode carregar castanha calçado tem que ser descalço, porque, quando chove, a terra boa é muito lisa, se você for carregar com botina pega barro aqui e você não da conta.” MANDUKA

Deixando o território

“Nós tínhamos o nosso lugar muito bom. São João era um lugar bom, lugar farto, lugar tranqüilo, todo mundo vivia uma vida tranqüila, tudo na paz, quando esse cara da Funai resolveu descer a demarcação da área indígena, passou da nossa casa, aí como era que você ia morar lá? Porque sendo de outra liderança, de outra tribo. Para se misturar com Kayapó era muito difícil, apesar que eles são nossos amigos, mas não é fácil. Aí resolvemos vir embora para São Félix.” GRAÇA JURUNA

“Fomos impresados pelos Kayapó. Aqui ficou uma aldeia para cima, nós ficamos no meio, aí eles vieram e fizeram uma aldeia para baixo da nossa. Aí nós sentamos com o nosso pai e sugerimos, “nós temos que sair daqui, senão nós vamos ficar impresado”, não dava para ficar entre uma aldeia e outra. Por isso que agente foi para a cidade.” PURÁ JURUNA

“Fomos para a cidade porque não tinha mais jeito, porque nós perdemos o nosso local para os Kaiapós, fomos obrigados, para não ficar um brigando com os outros. Lá onde nós morávamos era muito bom, o São João, nós tínhamos os pontos de castanhas, tínhamos oito pontos de castanha. Ponto fala assim, oito castanhais. Era uma produção que nós tínhamos todos os anos na época de cortar castanha, todos os anos nós cortávamos, fazia um pouco de dinheiro. Era uma coisa muito boa, farto, as terras boas também.” MANDUKA

“A FUNAI também nesse tempo, que tinha o Salomão como representante em Altamira, o Salomão falou “não, vocês saindo daqui nós vamos dar uma terra lá em São Félix do Xingu”, chegou lá não deu foi nada não. Aí ficamos morando na cidade mesmo.” EMÍDIO

Nossa vida em São Félix do Xingu

“Essa história da cidade a gente quase nem gosta de lembrar.” APİMAMA

“Foi muito difícil para nós porque nós saímos dos nossos costumes para pegar os costumes dos outros. Vamos supor, eu, hoje eu não tenho estudo e esses jovens têm, porque eu fui criado numa tribo, fui criado na aldeia. Então, eu andei pelado, eu andei descalço, eu matei bicho de borduna, de flecha, eu pescava de flecha. Eu não tive o prazer de ter uma formação, nada. O que eu tenho é o que deus colocou na minha cabeça, são os meus conhecimentos mesmo da antiguidade, esses conhecimentos que eu tenho. Nós nascemos e nos criamos na beira desse rio e vai morrer na beira desse rio, nós somos pescadores, nós somos piloto, somos homem da água. A água é a nossa vida.” PURÁ JURUNA

“Naquele tempo o nosso pessoal tem muito cuidado no que fala, porque se a gente fala dentro da cidade que é índio aí fica mais ruim para nós. Então a gente sofre muito nisso aí. E onde nós estamos em São Félix, sempre o pessoal, sem a gente não falar nada, “ó os índios”. Sempre o pessoal mesmo está falando, “ó os índios aí, ó os índios, ó os índios do pastana, ó os pastanas”. Sempre está falando isso. O nosso conhecimento com a cidade começou no dia quando Kayapó está brigando na cidade, aí tem muita gente que vai na nossa casa, “será que nós não pode dormir aí, porque estou vendo que vocês estão seguros, são amigos do índio”. Aquele dia foi o dia que Tupã fez o pessoal reconhecer nós, que nós éramos fortes, aquele dia, ele está brigando mesmo na cidade.” APİMAMA

“Quando fomos para São Félix começamos a trabalhar para os outros, fazendo diária, senão não tinha como, trabalhava em garimpo, essas coisas, nessa época tinha muito garimpo. Ali a gente era obrigado a trabalhar porque na cidade tudo é comprado, não tinha onde trabalhar. Tanto que a gente já nasceu com aquele, morava no mato, com o espírito de corte, sempre queria trabalhar para conseguir alguma coisa.” MANDUKA

“Acontece essa fase de um vai para um canto e outro para outro. Sabe o que o pessoal começa a virar? Garimpeiro. Não sabe trabalhar, né? Ai vai virar. Foi muito triste isso. ‘Cadê fulano?’, ‘está de piloto’. ‘Cadê sicrano?’, ‘está tentando aprender de garimpo’.” APİMAMA

Kapotnhinore – precisamos lutar pelo que já era nosso

“Resolvemos lutar pelos nossos direitos por causa do nosso pai, porque o sonho era voltar para as terras antigas, e o lugar são esses aqui que nós estamos nele. Moradia deles aqui tem muito, para cima e para baixo. Nós queremos voltar para onde é o nosso mesmo. O nosso pai morreu, mas o sonho dele era esse aqui, voltar para as origens da terra dos jurunas, dos antepassados.” MANDUKA

“Pensamento de ocupação é assim. A gente tem luta muito grande, conversa com o Kayapó de Redenção ele fala, “vocês têm terra, têm direito, nosso pessoal do Kokraimoro, ele fica com a terra de vocês”. Conversa com Kokraimoro ele fala também, “vocês têm direito”. Isso dura cinco anos. Nós estamos sempre pensando, “Kayapó vai devolver terra para nós”. Então a gente vem pensando na ocupação. A ocupação também acontece assim, quando tem reunião grande na aldeia Metuktire, o cacique Raoni fala, “se vocês querem aquela terra, nós sabemos que é de vocês, só que eu não tenho pessoal para ajudar vocês, vocês vão ter que, oh, no braço”... Megaron também tem nome importante nessa história, porque Megaron está na Funai, tem que ajudar os Jurunas, tem que ajudar os Yudja, tem que fazer alguma coisa.

“Hoje para falar do tamanho de luta é tamanho de terra que está devastada, tamanho de pasto que está perto é o que vai explicar o tamanho da luta, porque não tem outra palavra para

explicar. Se você andar aí e vê tamanho de mato que foi derrubado, foi tamanho de luta, foi muito grande para pequena pessoa.” APĪMAMA

“Quando chegamos aqui tinha bastante gente, lá na beira do rio tinha gente também. Nós falamos para eles que nós estávamos voltando para a nossa terra tradicional. O rio estava cheio, no dia que chegamos tinha 85 voadeiras de pescadores, pescando no rio. Depois de três meses que a gente estava aqui o

nossos parentes Megaron e Raoni mandou a solução, falou, “tem que ir a Polícia Federal tem que ir IBAMA para ajudar eles lá, eles não podem ficar sozinho”... Ai começou a melhorar um pouco, a gente começava a dormir mais um pouco. Mas aqui e acolá a gente escutava tiro, barulho de tiro para todos os lados, tinha noite que a gente não dormia. Ficamos firme, firme e até hoje estamos aqui, com o apoio do nosso parente caiapó.” UAHUTA

“Quando chegamos estava cheio de gente, instalamos logo o rádio, começamos a falar na língua. Quando foi de tarde chegou uma camioneta cheia de pistoleiro, o cara com arma na cintura. Eu falando no rádio e os outros no mato escondido, tudo preparado. Ai chegou a caminhonete, foi só essa vez lá e foram embora... Ai nós falamos para ele nós viemos para ficar, e até hoje nós estamos, aqui é a nossa terra, viemos para morar mesmo não foi para brincar.” PURÁ JURUNA

“A gente quer lembrar nessa ocupação a importância de Raoni, a importância de Bedjai, a importância do meu cunhado Tininin, a importância também daqueles que já morreram, que lutaram tanto, como o WaiWai, o Bissaka meu tio, meu tio Karadindim, Megaron, nós queremos lembrar a importância, mas nós também ficamos em prova de fogo, quando ele fala, “terra de vocês, vocês que têm que ir”. Eu também quero lembrar a importância do meu primo Akan, ele mesmo faz reunião na aldeia de parente nosso, no Pakaia, e fala ‘acho que vou morrer no Kapotnhinore com meu primo”

Reivindicamos os nossos direitos

“Nós estamos aqui atrás dos nossos direitos. Hoje você vê fazenda aí cheia de boi, com muita coisa. Quando esse cara chegou aqui será se o pai dele vivia aqui? Será se o avô dele vivia aqui? Será se ele tem uma história de raiz dele aqui nesse lugar? Isso que eu queria saber do fazendeiro. Ele fala “eu sou dono”. Dono como? Ele nasceu aqui? Ele veio lá de São Paulo, veio lá do Rio Grande do Sul, veio lá de Minas Gerais para cá. Eu não, eu sou filho daqui dessa terra. O meu pai nasceu aqui, os meus avós nasceram aqui, meus tios morreram aqui, e várias outras lideranças morreram aqui nessas terras, lutando para ter essa terra. Hoje se acha cheio de fazendeiro, cheio de pousadeiro, que é uma coisa que nós temos muita raiva e desgosto por causa do cara depredar o nosso rio e acabar com a nossa riqueza, a nossa riqueza é esse rio, esse rio é tudo para nós, é onde nós vamos tirar os nossos alimentos, o sustento para as nossas famílias.” APĪDEKAR

“Nós estamos falando de criar uma área indígena para o futuro dessas crianças, para o futuro desse povo que vai vim que a gente não conhece ainda, e para esses que a gente já conhece que está aqui no nosso meio, e esses outros que estão vivendo na cidade e que não têm uma situação financeira que dá para morar na cidade. Então, eu queria que as autoridades olhassem para isso, que olhassem para esse lado. Por que? O cara se diz dono de tudo isso aqui, ele chegou aqui acho que ele tem 10 anos, ou cinco anos, não sei, e nós temos aí uma história de mais de 100 anos,



se fosse atrás dessa história toda. Então, por isso que a gente fala, fala em nome da minha pessoa e em nome da comunidade, não é só por nome do meu povo também, pelo nome das outras comunidades que moram na beira desse rio, que há muitas comunidades, muitas crianças, muitas famílias. Se aqui não tiver o peixe, a caça, ela não vai chegar até os outros lá para sobreviver. Então, nós estamos defendendo não é só para o nosso povo, é para as outras etnias e outros povos que vivem na beira desse rio, e a luta que a gente vem lutando há muitos anos.

“Agora, o cara que se diz dono hoje, que tem 10 anos, 15 anos que está morando aqui, ele é o dono dessa terra? Ou somos nós que somos donos verdadeiros? Então, eu queria que o povo olhasse por isso e o governo ouvisse a nossa fala, ouvisse o que nós estamos sentindo, o que nós estamos pedindo, nós não estamos pedindo à toa, nós estamos pedindo uma terra que é nossa, que nós merecemos essa terra. Nós somos filhos da terra e nós queremos a nossa terra. É só isso aí que eu tenho para falar.” APĪDEKAR

“Aqui onde nós estamos, estamos querendo reivindicar de governo. Raoni, ele já está pedindo demarcação já vai 14 anos. Então, nós ficamos triste porque muito tempo, tem até reportagem que Ministério Público Federal está multando FUNAI, está mandando demarcar, então a gente está triste, por que não demarcou ainda? Isso que nós queremos. Eu como liderança, eu não aceita mais, eu me revolta, eu me contraria de ver o nosso pessoal na cidade lá onde ele não está passando bem, onde ele está passando mal. Então, eu estar querendo que governo faz demarcação.

“Nós queremos reivindicar estrada, reivindicar carro, não temos carro, queremos que a Funai da carro para nós. Isso tudo nós estamos pedindo para governo olhar para nós. Queremos construção de posto de saúde, construção de escola. Assim que nosso pessoal vai ficar aqui. Então, junto com saúde nós queremos poço artesiano, água tratada para nós, nós queremos também luz, queremos energia, então isso que nós queremos pedir. Lembrar pessoal porque nosso povo sofrido, porque nós estamos aceitando nosso parente ficar com a nossa terra, e governo tem que saber que nós tínhamos terra, nós tínhamos lugar, nós temos a nossa localidade. Um dia pessoal fala, “não, tem território tradicional só com ocupação de trinta anos”, puxa e será que tudo isso que está aí, aonde nós podemos estar mostrando, onde foi o nosso lugar antigo, será que não consegue provar isso? Então é isso que nós queremos reivindicar de governo, nós queremos demarcação, nós queremos apoio, nós queremos organizar a nossa comunidade, nós queremos a nossa família todo aqui. Isso que eu quero falar.” APĪMAMA

Nossa Oficina

“No meu conhecimento pela primeira vez que eu estou participando de uma história minha e do nosso povo, é muito gratificante. Vamos dizer assim, é como se nós estivéssemos meio escondidos e de agora para frente nós vamos ser reconhecidos, a nossa história para outros povos, para outras pessoas, vai saber que existe esse povo, como foi a trajetória desse povo, esse sofrimento desse povo para ter essa história contada. Então, para mim é motivo de muita importância saber que não somos só nós que vamos ler essa história, outras etnias vão ler, outros tipos de povos vão ler, é muito importante isso aí. Como se fosse assim, uma história que estava perdida e depois desse trabalho, que esse livro sair, vai começar alguém a falar, “onde que é, que lugar é desse povo? É verdade?”. O cara vai ver isso aí, e para mim isso é muito importante.

“Esse trabalho, vou fazer comparação: eu tenho um registro civil, antigamente quando eu tenho aquele registro, ele nem está falando da minha etnia, aí o dia que o pego a RANI, registro administrativo da FUNAI, aquele lá eu estar gastando R\$ 10, preço dele, então, aquele R\$ 10,00 para mim ele vale dez mil, porque aquele que é meu registro. Então, esse trabalho que nós fizemos, além de ser um trabalho que foi bem feito e bem aceito pela comunidade, que no meu modo de pensar, ele para nós é tudo, esse trabalho é como que, não sei usar a palavra, mas como se



fosse imortal, vai continuar sempre, um vai morrer, outro vai morrer, o nosso filho, nosso neto, nosso bisneto, ele vai sempre saber desse história. Então, acho que para minha família, além de RANI vai ser maior trabalho esse. Esse trabalho aqui foi feito, eu como chefe também aprendi, aprendi alguma coisa que eu tinha vontade de saber, "aonde meu irmão, aquele nasceu, como é que foi", além do que está escrito, uma outra história que eu está ouvindo, é muito forte. Quando está terminando o trabalho minha mente muito grande, pensamento muito grande. E quando está vendo minha mãe, que ela fala alguma coisa, eu fico pensando quando minha mãe fala, "pai de vocês ele foi presente de Deus", então, eu fico pensando, o quanto ele foi bom para mim, então parece que ele mais bom para ela. Então, esse sentido que eu fico." APİMAMA





PROJETO

Mapeamento Social

ASSOCIAÇÃO PASTANA YUDJA JURUNA /
KAPOTNHINORE – APYJX

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracará RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO

